



B1

ISSN: 2595-1661

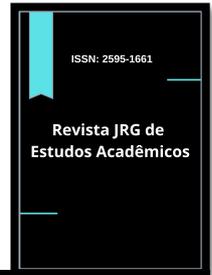
ARTIGO ORIGINAL

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:

<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



Homossexualidade, autoaceitação e “saída do armário”: construções identitárias étnicas de jovens homossexuais do interior de Barra do Choça - Bahia

Homosexuality, self-acceptance and “coming out of the closet”: ethnic identity constructions of young homosexuals from the interior of Barra do Choça - Bahia

DOI: 10.55892/jrg.v7i14.921

ARK: 57118/JRG.v7i14.921

Recebido: 27/01/2023 | Aceito: 01/04/2024 | Publicado on-line: 02/04/2024

Lucas Ramos Ruas¹

<https://orcid.org/0000-0002-0801-1017>

<http://lattes.cnpq.br/6448410334315028>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA, Brasil

E-mail: lukasruas@gmail.com

Maria de Fátima Araújo Di Gregório²

<https://orcid.org/0000-0003-2716-5318>

<http://lattes.cnpq.br/8649808476963978>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, BA, Brasil

E-mail: f_digregorio@hotmail.com



Resumo

Este estudo é parte dos resultados obtidos na dissertação de mestrado intitulada: *Identidades étnicas de jovens homossexuais em Barra do Choça- BA: família, autoaceitação e “saída do armário”*, cuja análise abordou as construções identitárias étnicas de jovens homossexuais, percorrendo o caminho da autoaceitação até o que é comumente conhecido como “saída do armário”. A pesquisa foi realizada na comunidade de Barra Nova, localizada no município de Barra do Choça, Bahia. A abordagem teórica metodológica e a análise fundamentam-se nos relatos orais de quatro jovens, utilizando a metodologia da História Oral. Dois momentos destacam-se nas narrativas: a descoberta e a revelação da homossexualidade. Os resultados indicam que as identidades étnicas dos jovens homossexuais analisados são construídas por meio de suas interações na comunidade, na família e com os amigos, caracterizando assim um processo de produção social.

Palavras-chave: Jovens homossexuais. Autoaceitação. Saída do armário. Identidade étnica.

¹ Graduado em História (2018) e Mestre em Relações Étnicas e Contemporaneidade (2021) pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Graduado em Pedagogia pelo Claretiano Centro Universitário – CEUCLAR. Especialista em Coordenação Pedagógica e Supervisão Escolar pela Faculdade Focus – FFOCUS. Atualmente é professor da rede estadual de ensino do estado da Bahia e da rede municipal de ensino de Barra do Choça na Bahia.

² Doutora em Família na Sociedade Contemporânea pela Universidade Católica do Salvador – UCSAL. Mestra em Memória Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Pedagoga, Historiadora e Bacharela em Direito. Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e Professora Plena da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).



Abstract

This study is part of the results obtained in the master's thesis entitled "Ethnic Identities of Young Homosexuals in Barra do Choça-BA: Family, Self-Acceptance, and 'Coming Out,'" whose analysis addressed the ethnic identity constructions of young homosexuals, tracing the path from self-acceptance to what is commonly known as "coming out." The research was conducted in the Barra Nova community, located in the municipality of Barra do Choça, Bahia. The theoretical-methodological approach and analysis are based on the oral accounts of four young individuals, using the Oral History methodology. Two moments stand out in the narratives: the discovery and the revelation of homosexuality. The results indicate that the ethnic identities of the analyzed young homosexuals are constructed through their interactions in the community, with family, and among friends, thus characterizing a process of social production.

Keywords: *Young homosexuals. Self-acceptance. Coming out of the closet. Ethnic identity.*

1. Introdução

Este trabalho resulta de uma pesquisa dedicada à investigação das trajetórias de vida de jovens homossexuais na comunidade de Barra Nova, localizada no município de Barra do Choça, Bahia. O propósito central da pesquisa é compreender as complexidades da autoaceitação e do processo conhecido como "saída do armário" desses indivíduos, ao mesmo tempo em que aborda a construção de suas identidades étnicas.

A pesquisa concentra-se em quatro narrativas específicas, utilizando o método da História Oral (HO) para privilegiar os relatos diretos dos jovens homossexuais. Além disso, promove uma reflexão sobre as transformações ao longo do tempo nas práticas homossexuais, contextualizando-as diante de influências religiosas e políticas. A discussão sobre identidade, ancorada nas teorias de autores como Hall (1998) e Bauman (1998, 2001, 2003, 2005), amplia a compreensão das experiências desses jovens em um contexto social que, apesar dos avanços, ainda enfrenta desafios na aceitação da diversidade sexual.

O artigo aborda, ainda, a revelação da homossexualidade no ambiente familiar, destacando os obstáculos enfrentados e proporcionando uma análise crítica dessas dinâmicas em uma sociedade marcada por normas e estereótipos. Este estudo não apenas contribui para o conhecimento científico, mas também busca promover a visibilidade e o entendimento de um grupo frequentemente silenciado em comunidades de menor porte como Barra Nova.

A compreensão da construção das identidades étnicas desses jovens permeia a análise, atravessando os processos de autoaceitação e "saída do armário". O processo analítico fundamenta-se nos relatos orais dos jovens, explorando as categorias de homossexualidade e identidade, com ênfase nas fases de descoberta e revelação da homossexualidade.

Contextualizar a evolução das práticas homossexuais ao longo do tempo implica examinar como tais relações foram influenciadas por fatores como religião e política. Uma discussão sobre identidade, embasada nas contribuições de Hall (1998) e Bauman (1998, 2001, 2003, 2005), torna-se relevante, considerando que as condições de aceitação, tolerância e rejeição diante da homossexualidade foram moldadas ao longo das décadas pela diversidade cultural e pelas influências de



organizações feministas e LGBTQIAPN+. Apesar dos avanços, a discussão em torno das sexualidades ainda causa estranheza na sociedade contemporânea.

Abordar a revelação da homossexualidade aos pais destaca a complexidade dessa situação, muitas vezes não correspondendo às expectativas de aceitação imediata. O "sair do armário" representa uma quebra de normatividade social, podendo resultar em repulsa familiar devido aos papéis socialmente estipulados. Esta expressão, derivada do inglês, ressalta o desafio de diálogos francos, considerando que a homofobia familiar é uma das principais causas de crises entre jovens homossexuais.

Ao revelar a homossexualidade em comunidades pequenas, como Barra Nova, a visibilidade e a desconstrução de estereótipos avançam lentamente devido à sociedade heteronormativa. Esta pesquisa, portanto, não apenas contribui para o conhecimento científico ao compreender as identidades desses jovens em um contexto conservador, mas também amplia a visibilidade de um grupo que por muito tempo foi silenciado.

2. O percurso metodológico

Com uma abordagem metodológica centrada na História Oral, em seus métodos e técnicas, abriu-se espaço para a utilização de entrevistas semiestruturadas aplicadas aos jovens homossexuais residentes na mencionada comunidade, fornecendo dados fundamentais para esta pesquisa. Adotou-se, adicionalmente, a observação participante no grupo homossexual jovem da comunidade de Barra Nova para a coleta e análise das falas.

Conforme argumenta Portelli (1997), a História Oral é tanto uma ciência quanto uma arte que se volta para o indivíduo e incorpora contribuições de grupos étnicos. Apesar de abordar padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, ela busca aprofundar esses aspectos essenciais por meio de conversas com indivíduos acerca de suas experiências e memórias, bem como pelo impacto que essas vivências tiveram em suas vidas.

No uso das falas dos jovens homossexuais, em conformidade com as diretrizes éticas estabelecidas pelo Conselho de Ética, foi estabelecido o critério de não identificar nominalmente os participantes. Nesse sentido, os registros são identificados por meio de codinomes, e as observações do diário de campo são apresentadas com nomes fictícios que remetem às narrativas, respeitando o acordo descrito no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que preconiza a preservação dos nomes dos indivíduos citados.

A seguir, no Quadro 1, pode-se observar a identificação dos colaboradores da pesquisa.



Quadro 1 – Dados dos colaboradores

NOME:	Poc	Mona	Bicha	Viado
IDADE:	18 anos	20 anos	25 anos	18 anos
IDENTIDADE DE GÊNERO:	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero	Cisgênero
ORIENTAÇÃO SEXUAL:	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual
RAÇA:	Autodeclara-se negro	Autodeclara-se branco	Autodeclara-se pardo	Autodeclara-se preto
ESCOLARIDADE:	Ensino Médio incompleto	Ensino Superior em curso	Ensino Superior	Ensino Médio
CONDIÇÃO SOCIAL:	Oriundo de família de baixa renda	Oriundo de família de baixa renda	Oriundo de família de classe média	Oriundo de família de baixa renda
COMPOSIÇÃO FAMILIAR:	Pai, duas irmãs e uma sobrinha	Mãe	Mãe e pai	Mãe e irmão

Fonte: Elaborado pelo pesquisador (2020).

3. Resultados e Discussão

Algumas correntes defendem que a sexualidade é determinada pela interseção de fatores genéticos, psicológicos, biológicos e sociais. No entanto, críticas a essas perspectivas surgem, pois muitas delas não especificam quais seriam esses fatores. Vecchiatti (2008) destaca a influência da cultura e da sociedade. Se a sexualidade dependesse exclusivamente desses fatores externos, argumenta o autor, não haveria homossexuais, uma vez que a sociedade contemporânea ainda enaltece a heterossexualidade, considerando-a como a norma correta e aceitável. De acordo com o mesmo autor:

Com efeito, nenhuma pessoa escolhe ser homo, hétero ou bissexual: as pessoas simplesmente se descobrem de uma forma ou de outra. Não há “escolha”, mesmo porque, se opção houvesse, certamente as pessoas optariam pela orientação sexual mais fácil de ser vivida, qual seja aquela que não sofre com o preconceito social: a heterossexual. Em suma: sexualidade não se escolhe, se descobre (VECCHIATTI, 2008, p. 106).

Assim, mesmo que não haja conhecimento definitivo sobre a origem da homossexualidade, seja ela de natureza genética, biológica ou social, é evidente que não pode ser considerada uma escolha pessoal. É improvável que um ser humano, consciente das implicações que enfrentaria, optasse por algo que resultaria em discriminação. Além disso, não existe um interesse correspondente em estudar ou questionar a origem da heterossexualidade.

A homossexualidade era considerada normal para os povos antigos, e em alguns casos, era até mais do que isso, sendo vista como uma evolução da sexualidade, de acordo com Souza (2001). Tanto na Grécia quanto no Império Romano, a homossexualidade era uma realidade e era denominada pederastia, um termo utilizado para descrever relações eróticas entre um homem e um jovem. Na Grécia antiga, em particular, a pederastia era compreendida sob diferentes perspectivas, destacando-se a visão de que essa prática estava vinculada à educação dos jovens. De acordo com Vecchiatti (2008), os gregos acreditavam que



essa forma institucionalizada de relacionamento era crucial para o desenvolvimento da masculinidade dos rapazes.

Os meninos provenientes de famílias privilegiadas, ao atingirem a juventude, eram orientados em direção a homens mais velhos, considerados sábios e guerreiros. Estes homens, denominados "preceptores", compartilhavam seus conhecimentos com os jovens, conhecidos como "efebos". Dentro dessa perspectiva, ser escolhido por um preceptor era uma honra para esses rapazes, uma vez que se tornavam aprendizes, preparando-se assim para a vida pública. De acordo com Spencer (1999), os jovens desempenhavam um papel semelhante ao de uma mulher para seus preceptores, mas somente o parceiro ativo era valorizado, e a homossexualidade masculina era aceita nesse contexto específico.

Conforme argumentado por Lasso (2002), na cidade-estado de Esparta, as relações entre dois homens não eram consideradas anomalias. Pelo contrário, as forças militares de Esparta incentivavam tais relações, acreditando que um soldado homossexual, ao ir para a guerra, demonstraria maior bravura do que um soldado heterossexual. Essa perspectiva fundamentava-se na ideia de que o soldado homossexual não lutava apenas pelo seu povo, mas também por seu amado, aumentando assim sua dedicação ao combate. Esse posicionamento contrasta significativamente com a abordagem contemporânea, na qual soldados heterossexuais e homossexuais muitas vezes enfrentam discriminação, com argumentos que sugerem que os homossexuais não teriam a mesma eficácia de combate que os heterossexuais. Esses discursos são reforçados por uma heteronormatividade prevalente na sociedade pós-moderna.

No Império Romano, a homossexualidade também estava presente, embora, ao contrário da Grécia, fosse denominada como sodomia. Este termo, de origem bíblica, era utilizado para referir-se a perversões sexuais, particularmente o sexo anal, praticado tanto por homossexuais quanto por heterossexuais, mas acabou sendo associado especificamente ao sexo entre dois homens. Conforme a perspectiva de Vecchiatti (2008), a distinção entre a homossexualidade na Grécia e em Roma residia no fato de que os gregos podiam estabelecer relações com rapazes livres provenientes de boas famílias, enquanto os romanos, devido à sua concepção da sexualidade como ligada à dominação, estavam restritos a se relacionar com escravos.

Séculos atrás, o preconceito em relação à homossexualidade era proeminente, especialmente impulsionado por questões religiosas, principalmente quando o cristianismo tornou-se a religião oficial do Império Romano, atingindo seu auge e intensificando a perseguição a indivíduos envolvidos em relações homossexuais. A maioria das religiões condenava qualquer forma de relação sexual que não estivesse voltada para a procriação, sendo considerada como um pecado. Dessa forma, práticas sexuais realizadas apenas para o prazer, mesmo entre duas pessoas que se amavam, eram encaradas como desobediência à norma natural. Como explicado pelo autor Vecchiatti (2008):

Ou seja, qualquer ato sexual praticado fora do casamento e, ainda que nele, sem o intuito da procriação, passou a ser condenado por essas religiões, fosse esse ato homo ou heteroafetivo – condenava-se a libertinagem, mas não determinado tipo de amor, sendo que se considerava como libertina qualquer atividade sexual que não vivasse unicamente a procriação. Assim, no que tange à classificação judaica, o ato sexual realizado fora do casamento, fosse ou não libertino, passou a ser visto como uma “impureza”, que por isso deveria ser combatida (VECCHIATTI, 2008, p. 49).



Nesse período, era comum que as pessoas não ultrapassassem os trinta anos de idade, sendo frequentemente utilizado como argumento o fato de que casais homossexuais não poderiam gerar filhos, o que supostamente resultaria no fim da humanidade. Entretanto, essa perspectiva era baseada mais em preconceito e desconhecimento do que em fatos. Mesmo porque, para que tal cenário catastrófico ocorresse, todos teriam que se tornar homossexuais, e mesmo assim haveria outras possibilidades para a reprodução. É crucial reforçar que a orientação sexual não é uma escolha, sendo inerente à pessoa, e ninguém se torna homossexual ou heterossexual. Além disso, a crença de que o homem tinha uma quantidade limitada de sêmen, e que este não deveria ser desperdiçado, é desmistificada por Vecchiatti (2008).

No século XV, com o surgimento de uma visão mais humanista, inicialmente na Itália, os valores relacionados à sexualidade que existiam na Grécia Antiga foram resgatados por filósofos que promoviam o amor masculino. No entanto, era proibido o envolvimento romântico entre dois homens da mesma faixa etária, pois a crença predominante era de que o parceiro passivo poderia perder sua masculinidade.

Posteriormente, no século XVII, ocorreu a expansão do capitalismo, intensificando a competição entre os homens e resultando em um distanciamento ainda maior entre eles. Segundo Vecchiatti (2008), as relações entre pessoas do mesmo sexo começaram a incomodar o sistema capitalista, uma vez que os homossexuais não eram percebidos como geradores de filhos, o que implicaria em uma potencial redução de consumidores.

A partir do século XIX, a percepção da homossexualidade mudou, deixando de ser considerada pecado pela maioria, mas passando a ser encarada como uma doença, uma patologia, como aponta Vecchiatti (2008). Nesse contexto, a crença predominante era de que os homossexuais tinham uma predisposição a distúrbios psicológicos e mentais. Entretanto, esse argumento por si só não é suficiente para justificar a classificação da homossexualidade como uma patologia, uma vez que todos os indivíduos são suscetíveis a enfrentar problemas psicológicos. Ademais, a intensa carga de preconceito e discriminação torna os homossexuais mais propensos a desenvolver ansiedade ou até depressão, resultado da pressão exercida por suas famílias e por uma sociedade heteronormativa.

Conforme o Estado deixou de se submeter integralmente às regras da Igreja, nas quais o descumprimento era entendido como sujeito a uma condenação divina, a sociedade passou a adotar uma visão diferente da homossexualidade. Com o enfraquecimento da influência da Igreja, o prazer deixou de ser automaticamente associado ao pecado. A afetividade passou a ser valorizada e a orientação sexual começou a ser reconhecida como uma "opção", um direito, e não mais como um crime.

A partir de meados do século XX, com a chegada da pós-modernidade, o machismo começou a ser superado, embora isso não signifique que não exista mais nos dias de hoje. Com o surgimento de novos arranjos familiares, novos papéis dentro das famílias também emergiram. Isso implica que diversos movimentos surgiram para representar e defender os direitos das diferenças e das múltiplas pluralidades em todo o mundo.

Assim, o período pós-moderno tem desconstruído estereótipos relacionados à homossexualidade e a outras expressões de sexualidade. Com a disseminação do conhecimento sobre a causa e a implementação de leis, atitudes como agressões e falta de respeito passaram a ser consideradas inaceitáveis. Os movimentos de diversidade sexual ganharam espaço, e suas vozes começaram a ser ouvidas.



É importante destacar que, segundo Dias (2009), a expressão "gay", que se transformou em uma identificação tanto para homens quanto para mulheres homossexuais, está relacionada ao colorido, ao "ser" e ao "descobrir-se ser". Nos Estados Unidos, utiliza-se a expressão "*to get out of the closet*", que significa "sair do armário". Dessa maneira, os homossexuais passaram cada vez mais a buscar seus direitos relacionados à sua sexualidade e à sua sobrevivência, contribuindo para a construção de suas identidades.

3.1 Adentrando no debate das identidades

Hall (1998) destaca que "as antigas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, dando lugar a novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, tradicionalmente visto como um sujeito unificado" (Hall, 1998, p. 7). Conforme o autor, as transformações estruturais iniciadas nas sociedades modernas ao final do século XX estão alterando, de maneira concomitante, as concepções que temos do sujeito e as formas de "exercer" uma identidade. Surgem questionamentos cada vez mais comuns sobre a própria identidade em meio a essa diversidade de identidades.

Ao abordar o conceito de identidade, Hall (1998) apresenta três concepções distintas, cada uma correspondente a um período histórico específico, levando em consideração o modo de vida social e as formas de pensar de cada época. Essas concepções são: a) o sujeito do Iluminismo; b) o sujeito sociológico; e c) o sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito do Iluminismo baseia-se na concepção do ser humano autônomo, centrado, único, coerente e unificado. Nessa visão, todos os sujeitos são dotados de razão e agem de maneira racional. As identidades são construídas de maneira coerente e racional, refletindo uma perspectiva individualista do sujeito e de suas identidades.

Por outro lado, a identidade do sujeito sociológico surge das complexas mudanças pelas quais a sociedade moderna passava, desenvolvendo-se principalmente no final do século XIX e sendo mais aceita no século XX. Essa perspectiva questiona e percebe que os sujeitos não são tão autônomos e autossuficientes como se pensava, e que suas identidades são construídas a partir das relações com as pessoas dos grupos em que convivem. Os sujeitos ainda mantêm certa individualidade, um "eu interior", mas este é formado e transformado de acordo com as vivências de cada indivíduo no meio social. Essa visão de identidade depende da estrutura social e não pode ser construída separadamente dela.

Contudo, nas décadas finais do Século XX, foi discutido que essas ideias de autoidentidade não demonstravam mais a realidade. Sobre isso, discorre Hall, vejamos:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais 'lá fora' e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com 'as necessidades' objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático (HALL, 1998, p. 12).



Sob a influência da globalização e do avanço das tecnologias de transporte e comunicação, há uma crescente conexão entre o local e o global. A maior interdependência global leva a um colapso das identidades tradicionais, que estavam associadas ao local, resultando em uma diversidade de estilos e identidades (HALL, 1998). Ao mesmo tempo, as informações provenientes de diferentes partes do mundo introduzem uma hibridização, mas também contribuem para uma certa homogeneização. Por um lado, as identidades locais se mesclam, e o que antes era exclusivo de determinados locais agora pode ser encontrado em todos os lugares. Por outro lado, certos padrões, como os relacionados ao consumo, são identificados em todo o mundo. Como destaca Hall a seguir:

Os fluxos culturais, entre as nações, e o consumismo global criam possibilidades de ‘identidades partilhadas’ – como ‘consumidores’ para os mesmos bens, ‘clientes’ para os mesmos serviços, ‘públicos’ para as mesmas mensagens e imagens – entre pessoas que estão bastante distantes umas das outras no espaço e no tempo (HALL, 1998, p. 74).

O mundo e o consumismo global influenciaram para o surgimento de uma era de identidades partilhadas. Com as discussões acerca da globalização, incluem-se os processos que hibridizam, colocando formas de ser, estilos de vida, um de frente para o outro, e que homogeneizam fazendo com que neguem o local em favor de um global livre de ambiguidades, e em um processo de padronização severa. Sendo assim, são lugares que não definem mais as identidades pelas relações sociais que neles se estabelecem locais destinados à passagem, à negação dos laços de relação.

Durante a modernidade, diferente do período pré-moderno as identidades se tornaram uma questão de construção, de esforço individual. O que antes era dirigida pela atribuição, você era algo e ponto final, não havia nem a opção de escolha, ou qualquer esforço capaz de mudar isso. A modernidade inaugurou uma nova era. O esforço individual que faz a diferença, a modernidade transformou a identidade em questão de realização, como explana Bauman a seguir:

O projeto moderno prometia libertar o indivíduo da identidade herdada. Não homem, porém, uma firme oposição contra a identidade como tal, contra se ter uma identidade, mesmo uma sólida exuberante e sólida identidade. Só transformou a identidade, que era questão de atribuição, em realização – fazendo dela, assim, uma tarefa individual e da responsabilidade do indivíduo (BAUMAN, 1998, p. 30).

A modernidade, mesmo rompendo com a identidade atribuída, não rompeu com as identidades sólidas, coesas e mesmas fixas apenas passaram a considerar válido e obrigatório o esforço do indivíduo em construí-la, sob a justificativa de que após adquirir uma identidade, seria muito difícil de desintegrar. Na modernidade, a identidade era tida como projeto de vida, e assim deveria ser construída com muito esforço, objetivando chegar a um ponto final. “A construção requeria uma clara percepção da forma final, o cálculo cuidadoso dos passos que levariam a ela, [...]” (BAUMAN, 1998, p. 31).

De acordo com Bauman (1998), por mais que se tornariam identidades construídas, elas tinham um fim, e deveriam ser bem definidas, após serem definidas teriam que ser imutáveis. Assim, qualquer identidade que não fosse totalmente clara, “ficando em cima do muro”, era considerada um problema. Entretanto, na realidade do mundo atual, vivencia-se outro momento, um mundo



onde tudo transita, as identidades estão em pleno movimento. Bauman (1998) ainda ressalta que:

O mundo construído de objeto duráveis foi substituído pelos produtos disponíveis projetados para imediata obsolescência. Num mundo como esse, as identidades podem ser adotadas e descartadas como uma troca de roupa. O horror da nova situação é que todo diligente trabalho de construção pode mostrar-se inútil; e o fascínio da nova situação, por outro lado, se acha no fato de não estar comprometida por experiências passadas, de nunca ser irrevogavelmente anulada, sempre ‘mantendo as opções abertas’ (BAUMAN, 1998, p. 112-113).

Na contemporaneidade, é crucial manter as opções sempre abertas, evitando se apegar a algo ou alguém de forma inflexível. Além disso, é fundamental não se comprometer excessivamente com um estilo de vida duradouro a ponto de se tornar monótono. Conforme Bauman (1998) observa, na pós-modernidade, a durabilidade não é mais um valor tão relevante e atrativo como foi no passado. Este é um período que se distancia da modernidade sólida, não se baseando mais no trabalho, mas sim no consumo, transformando as identidades em algo a ser consumido.

Dessa maneira, as identidades passam a ser construídas por meio do consumo, impulsionadas por desejos voláteis de curto prazo, servindo como um estilo momentâneo para as identidades. Nesse contexto, as identidades se tornam líquidas, sendo ao mesmo tempo o resultado e a fonte, o produto e o produtor. Bauman (2001) alega que:

Em vista da volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de ‘ir às compras’ no supermercado das identidades, o grau da liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la enquanto desejado, que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias da identidade. Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece (BAUMAN, 2001, p. 98).

Nesse contexto, as identidades tornam-se transitórias, dispensáveis, e descartáveis após a satisfação momentânea. Bauman (2003) argumenta que a identidade surge para substituir a comunidade, preenchendo o vazio deixado por normas, regras e padrões de conduta. Ela se torna um conforto em um mundo sem bases sólidas, onde a identificação é ao mesmo tempo esquivada e frágil.

As construções identitárias são um processo contínuo, sem um fim ou destino definidos, com objetivos que sofrem mudanças antes mesmo de serem alcançados. É um projeto inacabado, requerendo flexibilidade tanto das comunidades quanto dos construtores de identidades, com atitudes sempre mutáveis e readaptáveis.

Para Bauman (2005), as identidades na modernidade líquida tornaram-se mais ambivalentes e líquidas. A preocupação com as aparências e a coerência das identidades diminuiu, e os projetos de vida não são mais tão rígidos. Uma identidade fixa, coesa e solidamente construída é agora vista como uma limitação da liberdade.

Após uma análise teórica das identidades na contemporaneidade, marcada por Hall como pós-modernidade e por Bauman como modernidade líquida, torna-se evidente que as identidades no período atual estão em constante transformação, sendo formadas e reformuladas por meio das relações do indivíduo com o outro.



3.2 Entre a autoaceitação e a “saída do armário”: identidades étnicas de jovens homossexuais em curso

A autoaceitação frequentemente se revela como um desafio complexo e, na maioria das vezes, está intrinsecamente ligada à dor social. Aceitar-se como é implica lidar com diversos aspectos na vida das pessoas, abarcando uma ampla gama de conceitos e acarretando sofrimento diante dos preconceitos presentes na família, escola, trabalho e na sociedade em geral. Esse sofrimento social manifesta-se no sentimento de exclusão ou rejeição que as pessoas experimentam dentro de seus grupos sociais.

Nesse contexto, a adolescência emerge como uma das fases mais tumultuadas na vida de qualquer indivíduo, caracterizada por uma intensa oscilação de sentimentos, na qual a autoaceitação desempenha um papel crucial. Os jovens homossexuais aqui explorados compartilham em suas narrativas de vida toda a jornada de transição até a aceitação plena de sua homossexualidade, destacando os preconceitos, violências e opressões que permearam suas trajetórias até assumirem, de fato, suas identidades sexuais.

É fundamental compreender que a identidade sexual, tanto para os heterossexuais quanto para os homossexuais, não é uma escolha consciente. Assim como os heterossexuais, os homossexuais descobrem sua orientação sexual no processo de crescimento. A única decisão plausível que um homossexual pode tomar é a de viver a própria vida autenticamente, enfrentando, infelizmente, as expectativas sociais que muitas vezes lhe são impostas. Reduzir a homossexualidade a um ato de escolha é ignorar toda a dor, rejeição, preconceito e confusão que tantos homossexuais enfrentam ao descobrir sua orientação sexual.

Pinto (2001) reforça que ser homossexual não é uma escolha, mas uma descoberta. A escolha se remete em viver ou não tal sexualidade. Sobretudo, o importante é que essa pessoa se aceite, para que viva uma vida mais tranquila, e que possibilite lidar com todas as dificuldades que um homossexual tende a enfrentar em uma sociedade heteronormativa. Isso apenas reforça que há ainda muito para se descobrir e aprender sobre a sexualidade humana. Costa (1994) aponta que as pessoas são classificadas e moldadas, e ser diferente exige coragem para enfrentar os preconceitos.

Assumir-se, geralmente, acarreta sofrimento para a pessoa que não se enquadra nas regras da maioria, como no caso dos homossexuais. O preconceito gera exclusão e o medo de ser excluído pesa na mente do indivíduo. Além disso, a maioria das famílias, que também é o caso dos jovens homossexuais desta pesquisa, criaram seus filhos para a heterossexualidade, é a partir disso que emerge alguns conflitos: quando se descobre que é diferente daquilo que a sociedade estabeleceu.

Quando eu comecei a entender que eu era gay, me deu muito medo, não sei explicar o porquê direito, só sei que por eu ser o único filho homem, entre aspas, eu sentia que ia me tornar uma decepção para minha família, ainda mais para o meu pai [...]. Eu cresci sendo ensinado a ser o homem da família, que ia ter filhos, mulher, quando vi que isso não seria possível, foi uma decepção até para mim (BICHA, 2020).

É evidente que em uma sociedade heteronormativa, aqueles que se desviam dessa norma enfrentam conflitos, tanto com os outros quanto consigo mesmos. O "outro" muitas vezes busca moldar o que se desvia, e essas pressões podem



resultar em uma verdadeira crise de identidade, deixando o indivíduo confuso. Nesse contexto, é nesse ponto que o indivíduo se torna diferente para os outros e até para si mesmo.

Alguns estudiosos argumentam que uma das maiores dificuldades humanas reside na convivência com as diferenças. Algumas dessas diferenças alimentam o preconceito, um dos fatores que tornam a autoaceitação ainda mais desafiadora. Para Powell (1999), a autoaceitação implica que a pessoa está plenamente consciente de seus desejos e atividades físicas, psicológicas e espirituais. Ao mesmo tempo, ela se sente à vontade com seu corpo, emoções, impulsos, pensamentos e desejos.

Para o homossexual, lidar com as diferenças, assim como obter a autoaceitação é um processo complicado. Como a homossexualidade faz com que o indivíduo se sinta diferente, e, assim, acaba por sentir medo de ser excluído e rejeitado, como podemos observar na fala da Bicha, na última citação, e isso o impede de se assumir para os demais. Porém, é necessário salientar que esta não é uma realidade de todos, já que muitos homossexuais não passam por conflitos quanto à sua identidade sexual, Pinto (2001).

Costa (1994) explica que para se aceitar como homossexual, a pessoa passa por quatro etapas: o sentir-se diferente, o começar a dar um sentido sexual a essa diferença, o reconhecer-se como homossexual por meio do papel afetivo-sexual com os outros e, por último, o aceitar esses sentimentos e esse modo de vida. Essas etapas são vivenciadas pelo homossexual ao longo de sua vida.

Desse modo, a maioria dos gays se descobre ainda na infância, fase em que estão inseridos no contexto educacional, onde aprendem sobre os aspectos sociais, éticos e culturais da vida, pelo que aponta Misckolci (2009), expressam os preceitos da heterossexualidade com seus propósitos e obrigações sociais, e estabelece a heteronormatividade como sendo fundamental e natural na sociedade. E, assim, segue para adolescência nesse mesmo contexto, em que Isay (1998) afirma como se torna uma tarefa difícil desenvolver a identidade sexual estável, formado por um processo complexo e dinâmico de amadurecimento, quando os dilemas são maiores, principalmente pelo surgimento dos desejos sexuais que se soma a todas as mudanças hormonais e fisiológicas.

É na adolescência que aumenta a curiosidade e a falta de informações necessárias que dificultam e acarretam problemas, justamente quando se inicia o mais importante desenvolvimento da sexualidade com os primeiros contatos sexuais. Ainda nessa fase a homofobia pode estar presente, causando medo da rejeição, que, segundo Taquette (2005) faz com que esses jovens se recluam, colocando até a própria saúde em risco, adotando a maior parte das vezes comportamentos de risco, como isolamento, uso de drogas, delinquência, fugas de casa, violências, dentre outros.

Meus pais eram e são ainda muito religiosos, na verdade toda família, até eu era, hoje não mais, então era muito difícil conversar isso com eles, até porque nem eu me aceitava, a coisa era feia, na escola eu tinha medo até de ir pra fila da merenda, como eu tenho um jeito afeminado, os meninos ficavam com piadinhas de mau gosto. Eu também não tinha coragem de falar para meus amigos, eu tinha medo deles não me aceitar e se afastar de mim (BICHA, 2020) [sic].

O medo de ser rejeitado pela família, pelos amigos e na comunidade onde mora levou Bicha a sentir-se solitário e perdido. Esse sentimento é muito comum



aos jovens homossexuais na fase que descobrem sua sexualidade. E é quando optam por permanecer em um lugar fechado, em que de alguma forma possam se proteger, porque até quando você não se assume, você não é taxado como o desviante.

O conservadorismo e a heteronormatividade fortificam a imagem do errado, que é disseminado no meio social, como o religioso, por exemplo, que segundo Lima (2006) chegam a impor sofrimento psíquico e estimulam o ódio social, mesmo a Igreja Católica reconhecendo que nenhuma pessoa pode agredir física ou verbalmente, e nem julgar os homossexuais.

Para muitos jovens sem experiência social, o parentesco familiar é a única coisa que eles conhecem profundamente. Então, o jovem homossexual espera da família todo o apoio que é necessário para enfrentar as dificuldades, que não são poucas. Muitos jovens homossexuais sofrem por conta do medo da família, outros desistem e seguem outros caminhos em busca de aceitação. E é nesse meio familiar que muitos gays se deparam com a homofobia, segundo Schuman (2010), tornando um fenômeno rotineiro na vida desses indivíduos. E é também nesse meio que surgem as primeiras punições, de graus diferentes que podem chegar à crueldade.

Antes d'eu me assumir eu escutava umas coisas dos meus pais que me machucava, eu via que eles não falavam pra mim, mas falavam do que eu era, e eles falavam com nojo, mas isso mudou [...]. Eu sempre digo que eu nasci viado para desconstruir minha família, uma família dita tradicional brasileira, mas que agora tem uma poc bastante afeminada... Depois que eu me aceitei, que eu aceitei minha identidade sexual, me senti livre para viver como eu queria, e o que mais amei foi que tive o apoio da minha família, agora a sociedade homofóbica que lute (BICHA, 2020). [sic]

Formando a tríade de aceitação, seguindo da autoaceitação e a aceitação familiar, surge a aceitação social, que vem da própria sociedade, o próprio mundo real, onde encontram-se todo tipo de pessoas e dilemas. Assim, o jovem homossexual que tende a sofrer dentro da própria casa terá que enfrentar a sociedade, que agrega inúmeros grupos identitários e movimentos sociais, mas, que mostra também, segundo Guimarães (2015), o outro lado preconceituoso e discriminatório, com imposições da sociedade capazes de disseminar barbaridades e ódio aos homossexuais, causando agressões verbais, psicológicas, físicas e até mesmo a morte.

Diante de todos os problemas que ferem a integridade não somente do homossexual mais também de toda a comunidade LGBTQIA+, é necessário trazer à tona discussões que têm como centro os homossexuais, para auxiliar na compreensão de como eles se sentem, de que maneira constroem as suas identidades e como o processo de autoaceitação e aceitação, tanto familiar como social, interferem em suas formações identitárias, a exemplo dos quatro jovens homossexuais desta pesquisa, que de maneiras variadas enfrentaram e enfrentam no seu cotidiano o estigma em relação à homossexualidade tanto na convivência com suas famílias, como na comunidade onde vivem e na sociedade em geral.

Com o estabelecimento da anormalidade da homossexualidade fez com que muitos homossexuais que não seguem a heteronormatividade buscassem medidas que os protegessem contra o preconceito gerado por essa norma. Sendo assim, essa ideia de “esconder” a sexualidade e não “revelá-la”, nasce desse pensamento de certo e errado, natural e pecado, que de certa forma, aparenta que o indivíduo homossexual tende a “confessar” a sua orientação sexual, ao mesmo tempo em que surgem vários obstáculos que dificultam que eles “saiam do armário”.



É nesse sentido que surge o “armário” como uma maneira de não revelar sua orientação sexual, determinada como errada pela sociedade heteronormativa. Sedgwick (2007) mostra que o armário nada mais é que um controle da sexualidade humana, uma forma de reforçar a heterossexualidade visível e negar a homossexualidade, gerando assim uma fronteira entre heterossexuais e homossexuais.

Nesse viés, se estabelecem fronteiras entre os ditos “corretos” e os “incorretos”, marginalizando o segundo e valorizando o primeiro, ou seja, considerando, no caso, os homossexuais como estranhos que fogem à regra e incentivando-os a permanecerem no silêncio profundo de suas sexualidades consideradas desviantes da norma.

A vida no armário representa um conjunto de fenômenos sociais, em que se “assumir” com uma orientação sexual que se difere da regra exposta pode gerar sofrimentos, angústia e até a morte. Então, com todos esses motivos que causam medo, muitas pessoas preferem se “resguardar” para evitar o pior, sendo forçadas a escolher aparentemente um “caminho mais fácil” que é justamente a invisibilidade de suas sexualidades.

Eu me assumi aos quinze anos, mas foi um processo muito difícil até aí... Desde meus dez, onze anos quando me vi homossexual, tive que conviver com isso guardado só para mim, o medo era grande. Eu evitava ir até na praça de Barra Nova porque como eu andava rebolando o povo já começava a falar, eu escutava as piadinhas, os meninos me chamando de “viadinho”, aquilo me dava muita raiva, mas eu me escondia, porque me faltava coragem de enfrentar, e eu tinha medo de meus pais descobrirem (BICHA, 2020). [sic]

Como forma de se “proteger” em uma sociedade que oprime, marginaliza e busca a qualquer custo “endireitar” os comportamentos subversivos, segundo Mott (2002), uma grande parcela de homossexuais, como pode-se observar no relato da Bicha, busca-se, então, proteção na invisibilidade de sua sexualidade, porém essa não é uma escolha livre de sofrimento individual. Nesse sentido, Miskolci (2009) enfatiza:

Portanto, o closet não é uma escolha individual, e a decisão de sair dele tampouco depende da “coragem” ou “capacidade” individual. Em contextos heterossexuais, “assumir-se” pode significar a expulsão de casa, a perda do emprego ou, em casos extremos, até a morte. Por isso, historicamente, a maioria de homens e mulheres que se interessavam por pessoas do mesmo sexo viveu em segredo, o que lhes legava uma sensação de serem únicos e viver o fardo de um desejo secreto sem ter com quem compartilhar temores e sofrimento (MIKOLCI, 2009, p. 172).

A revelação de tal “segredo” se manteve em uma verdadeira negociação contínua da pessoa com o mundo. É aí que surgem diversos questionamentos como o que deve ou não ser feito: “sair ou permanecer no armário? Será que devo “revelar” ou “esconder”? Como o farei? Para quem o farei? Por que o farei? Que mudanças ou reações devem esperar? O que pode acontecer após isso? Serei expulso de casa? E se isso acontecer tenho para onde ir e me sustentar? Esses indivíduos passam por um processo complexo, ora libertador, ora ameaçador, que oscila em diversos momentos e situações do cotidiano. Nessa perspectiva, Mott (2002) compreende que:



[...] o amor entre pessoas do mesmo sexo foi secularmente considerado crime hediondo, condenado como pecado abominável, escondido através de um verdadeiro complô do silêncio, o que redundou na internalização da homofobia por parte dos membros da sociedade global, a iniciar pela repressão da própria família, no interior das igrejas e da academia, inclusive dentro dos partidos políticos, das entidades voltadas para a defesa dos direitos humanos (MOTT, 2002, p. 143-144).

Por mais que se pareça simples o “sair do armário”, essa ação pode causar diversas dúvidas e anseios aos indivíduos. Dependendo do contexto de cada um podem surgir diversas implicações e situações constrangedoras.

Só que eu acho que ao mesmo tempo a gente não devia ficar se prendendo em rótulos, por exemplo, é porque, por exemplo, eu sei que eu sou gay mas tem, eu conheço muitas pessoas que ficam sempre nessa dúvida, nessa transição, ah, agora eu estou gostando de menina, agora eu estou gostando de menino, aí, a cabeça começa a ficar louca, não sabe o que que é, começa a querer se encaixar numa coisa, eu acho que isso é, eu acho que isso não precisa ser [...], claro que na hora do desenvolvimento você vai ter que separar né, até porque eu como gay, eu me declarando gay eu sei que eu tenho mais privilégios que uma mulher lésbica. Mas nessa questão de se prender em caixa já não acho necessário só em casos de reconhecer meus privilégios e os que são retirados e mim no caso [...] (VIADO, 2020). [sic]

A ação de sair do armário recorre a uma dimensão tanto pessoal, quanto política, ao mesmo tempo, que nem sempre se trata de uma escolha. Assim, sair ou não do armário pode não configurar uma opção, seja pelo fato de outras pessoas forçarem a “saída do armário” ou pela dificuldade de se enquadrar em comportamentos exigidos para ser reconhecido como homem ou mulher dentro da sociedade. Sendo assim, o posicionamento de permanecer no armário é uma estratégia que poucos usam para tentar evitar a opressão heteronormativa.

[...] antes d’eu assumir para minha mãe, meu irmão me perguntou se eu era e falou que não tinha nenhum problema, que ele ficaria até mais feliz se eu fosse, mas eu senti que não estava preparado para contar. Minhas irmãs também aceitaram super bem, ficam uma vez por mês me ligam para perguntar se eu já arrumei um namorado [...] (MONA, 2020). [sic]

Minha mãe como é mais histérica como eu, me deu vários conselhos quando soube que eu era gay, falou para eu não dá ousadia para vagabundos, meu pai é mais quieto e calado ficou. Minhas irmãs me aceitaram de boas, com o tempo eles foram se informando, conhecendo através de mim a luta de ser homossexual, e hoje me ajudam a enfrentar todo mal que tem nesse mundo aí fora, sair do armário foi a melhor coisa que fiz, mas cada um tem sua hora, mas eu só sei que para lá não volto nunca mais, ainda mais que tenho rinite [...] (BICHA, 2020). [sic]

Portanto, como mostra os relatos transcritos anteriormente, os desafios ao “sair do armário” não são poucos, a grande maioria dos gays os enfrenta ao revelar sua homossexualidade. Situações constrangedoras são descritas por muitos homossexuais, caso dos jovens homossexuais *Bicha* e *Mona*, principalmente ao revelar a sexualidade para a família, no caso do *Viado* ele se distanciou de seus parentes por não aceitarem sua identidade sexual. Uma realidade que se aproxima de muitos e muitas pelo mundo. Lógico que existem famílias que acolhem seus filhos homossexuais como ocorreu com *Bicha*, dando todo o apoio necessário, mas que se preocupam pelo que o filho pode vir a sofrer na sociedade.



Outro ponto que podemos refletir nas falas de *Bicha* e *Mona* é o acolhimento que vem mais por parte da mãe. Com o desenvolvimento industrial e tecnológico, as mulheres foram ganhando espaço dentro das famílias, esta como instituição passou por diversas modificações que romperam com velhos papéis tradicionalistas que adivinham desde o medievo. Assim, na sociedade contemporânea, a mulher vem lutando em busca de equidade e tenta diminuir as desigualdades de gênero. Esses papéis se modificaram também no que diz respeito ao papéis do pai e da mãe nas famílias formadas por pessoas heterossexuais. Diante disso, a mãe em muitos casos tende a compreender e acolher o filho homossexual primeiramente que o pai. Ao contrário do homem, as mulheres por séculos viveram sob o domínio do machismo, colocadas como submissas, talvez isso justifique o fato de diversas mães compreenderem ao invés de atacarem ou de pressionarem o filho homossexual, e sim tendem a apoiá-lo, visto que já existe uma sociedade que vai persegui-lo, condená-lo e julgá-lo apenas por ser gay.

4. Conclusão

As discussões em torno da autoaceitação e "saída do armário" proporcionam uma compreensão dos processos pelos quais os jovens homossexuais passam para aceitar a si mesmos e decidir revelar sua sexualidade. Através das narrativas dos quatro jovens, emergiram diversos mecanismos que contribuíram para a formação de suas identidades étnicas, além de desafios que, ao mesmo tempo em que dificultaram, podem ter influenciado crises identitárias. Tornou-se evidente que esses jovens enfrentam significativos desafios, experimentando uma queda na autoestima, e, em casos extremos, chegando à depressão, como no caso de *Mona*.

Todos eles expressaram o medo de decepcionar aqueles que amam, muitos dos quais constantemente fazem piadas ou expressam palavras homofóbicas. Alguns homossexuais podem preferir permanecer no "armário", reprimindo seus desejos ou adotando uma fachada para esconder quem realmente são. Algumas famílias podem aceitar o vizinho, o sobrinho, mas quando se trata de um filho, a aceitação torna-se mais difícil. Além disso, há aqueles que se preocupam com a "reputação", considerando a aceitação de um filho homossexual como motivo de fracasso e vergonha na sociedade, como evidenciado nos relatos de *Poc* quando seu pai descobre sua homossexualidade.

Como resultado, muitas famílias encaram a sexualidade de um filho como uma "doença" ou até mesmo como um "pecado", levando muitos jovens a buscar tratamento psicológico. Os relatos dos colaboradores revelam diversos pensamentos que retratam a homossexualidade como algo indesejado e repugnante por parte de seus familiares.

O apoio social proveniente de pessoas próximas aos jovens gays pode desempenhar um papel crucial nesse processo. Relacionamentos com pessoas significativas facilitaram a descoberta e autoaceitação da homossexualidade, enquanto amizades foram um ponto de apoio para enfrentarem os desafios ligados às primeiras experiências homoafetivas.

Dessa forma, compreendemos que a construção das identidades étnicas de *Bicha*, *Poc*, *Mona* e *Viado* não é algo estático ou predefinido, mas sim um processo moldado pelas experiências compartilhadas com outros sujeitos em suas redes de relações interpessoais, seja na família, com amigos, na escola, na faculdade ou na comunidade em que vivem. Essas identidades são, portanto, uma produção social. Hall (1998) enfatiza que conceber uma identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia, uma vez que ela está em constante



transformação com base em como os jovens homossexuais são interpelados e representados.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade e Ambivalência**. 1.ed. Rio de Janeiro: J. Zahar Editor, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. 1.ed, Rio de Janeiro: J. Zahar Ed., 2001.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. 1.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

COSTA, R. P. da. **Os onze sexos: as múltiplas faces da sexualidade humana**. São Paulo: Editora Gente, 1994.

DIAS, Maria Berenice. **UNIÃO HOMOAfetiva: O PRECONCEITO & A JUSTIÇA**. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 4^a ed. 2009.

GUIMARÃES, L. S. Homossexualidade na adolescência na contemporaneidade – mudanças e desafios. **O portal do psicólogo**, 2015.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 6. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ISAY, Richard A. **Tornar-se Gay: o caminho da aceitação**. São Paulo: Summus, 1998.

LASSO, Pablo. Antropologia cultural e homossexualidade..., **Homossexualidade – Ciência e consciência**, p. 41-43. *apud* BRANDÃO, Débora Vanessa Caús. Parcerias homossexuais – aspectos jurídicos. 1.ed. São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2002.

LIMA, L. C. Homossexualidade e Igreja Católica – conflito e direitos em longa duração. Em Debate, 04. **Revista do Depto. de Serviço Social**, PUC-Rio, 2006.

MISKOLCI, R. O armário Ampliado – Notas sobre sociabilidade homoerótica na era da internet. **Revista Gênero**, Niterói, v. 9, n. 2, p. 171-190, 2009.

MOTT, L. Por que os homossexuais são os mais odiados dentre todas as minorias? **Gênero e cidadania**. Campinas: Pagu/Núcleo de Estudos de Gênero – UNICAMP, p. 143-256, 2002.

PINTO, E. **Sexualidade: um bate-papo com o psicólogo**. São Paulo: Paulinas, 2001.

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Projeto História 15. São Paulo, 1997.



POWELL, J. **Por que tenho medo de lhe dizer quem sou? Insights a respeito do autoconhecimento, do crescimento pessoal e da comunicação interpessoal.**

Belo Horizonte: Crescer, 1999.

SOUZA, Ivone Coelho de. Homossexualismo, uma instituição reconhecida em duas grandes civilizações. In: INSTITUTO INTERDISCIPLINAR DE DIREITO DE FAMÍLIA – IDEF. **Homossexualidade: discussões jurídicas e psicológicas.** Curitiba: Juruá, 2001.

SPENCER, Colin. **Homossexualidade: uma história.** 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999.

SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. **Revista Bagoas**, 5, 67-78, 2010.

SEDGWICK, E. K. A epistemologia do armário. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 19-54, 2007.

TAQUETTE, S. R. *et al.* Relatos de experiência homossexual em adolescentes masculinos. **Ciência & Saúde Coletiva**. 10(2): 399-407, 2005.

VECCHAITTI, Paulo Roberto Iotti. **Manual da Homoafetividade.** Da possibilidade jurídica do casamento civil, da união estável e da adoção por casais homoafetivos. São Paulo: Método, 2008.

FONTES ORAIS

ALVES, Rodrigo [Bicha]. [25 anos]. [Fevereiro, 2020]. Entrevistador: AUTOR 1. Barra do Choça, Ba. 16 de fevereiro de 2020.

MELO, Angelo dos Santos [Mona]. [20 anos]. [Fevereiro, 2020]. Entrevistador: AUTOR 1. Barra do Choça, Ba. 18 de fevereiro de 2020.

SANTOS, Breno Silva [Poc]. [18 anos]. [Março, 2020]. Entrevistador: AUTOR 1. Barra do Choça, Ba. 02 de março de 2020.

SANTOS, Iuri Brito [Viado]. [18 anos]. [Fevereiro, 2020]. Entrevistador: AUTOR 1. Barra do Choça, Ba. 09 de fevereiro de 2020.